

FILOSOFIA

COM

**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

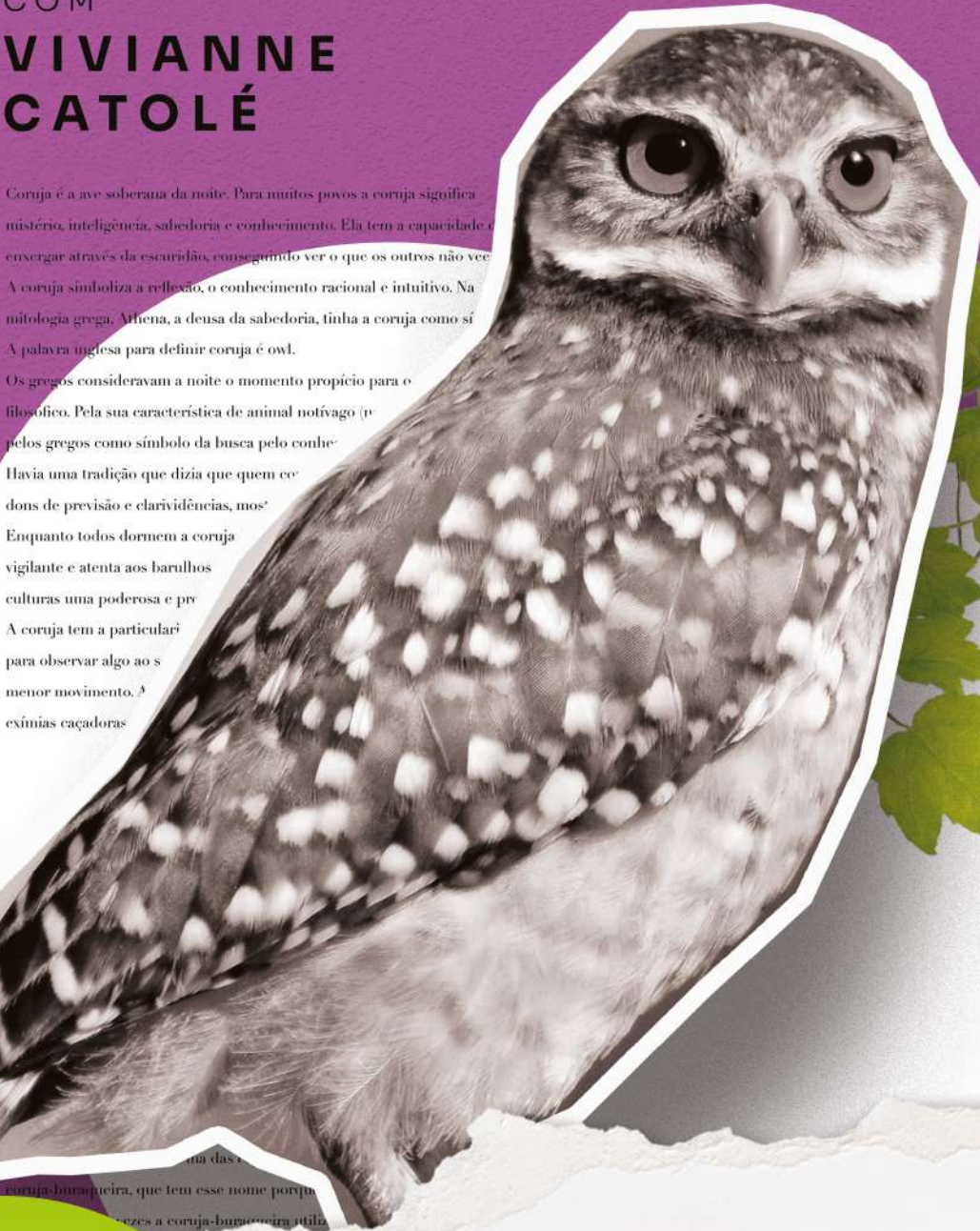
A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Atena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo. A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (reconhecido pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento).

Havia uma tradição que dizia que quem conversava com os dons de previsão e clarividências, morria.

Enquanto todos dormem a coruja é vigilante e atenta aos barulhos. Em algumas culturas uma poderosa e prepotente.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. As corujas são aves exímias caçadoras.



uma das
coruja-buraqueira, que tem esse nome porqu
vezes a coruja-buraqueira utiliza

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA – ESCOLA DE FRANKFURT: TEORIA CRÍTICA E A RAZÃO INSTRUMENTAL

ESCOLA DE FRANKFURT

Foi uma escola de análise e pensamento filosófico e sociológico que surgiu na Universidade de Frankfurt, situada na Alemanha. Tinha como objetivo estabelecer um novo parâmetro de análise social com base em uma releitura do marxismo.

O termo também ficou muito associado às intervenções públicas dos dois sobre diversos temas:

- Causas e efeitos da experiência nazista;
- Debate sobre o “Bloco Soviético”;
- Compreensão do capitalismo sob a forma do “Estado de Bem-estar Social”;
- Novas formas de produção industrial da cultura e da arte,
- Natureza das novas formas de controle social,
- Papel da ciência e da técnica.

Nesse sentido, “Escola de Frankfurt” designa uma forma de intervenção intelectual e política no debate público alemão – na academia e fora dela – do período pós-Guerra.

Teoria crítica

A expressão “Teoria Crítica” nasceu num texto de Marx Horkheimer (1895-1973), chamado Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937).

Sentido amplo: a análise do capitalismo por Marx.

A maneira de Marx de encarar o capitalismo é concebê-lo como uma forma histórica que se caracteriza por organizar toda a vida social em torno do mercado. O mercado, assim, passa a ser não apenas um entre os vários elementos sociais, mas o centro para o qual convergem todas as outras formas de produção e de reprodução da vida social. A tarefa primordial da Teoria Crítica, então, é entender a natureza do mercado capitalista.

Nesse sentido da análise marxista, há dois componentes da concepção da Teoria Crítica em sentido amplo.

O primeiro é uma orientação à emancipação. Isso significa dizer que o esforço de análise se funda na perspectiva da superação da dominação capitalista – a realização efetiva da liberdade e da igualdade para todos.

O segundo é um comportamento crítico duplamente dirigido. Primeiro, acerca do conhecimento produzido sob condições sociais capitalistas. Segundo, acerca da própria realidade social que esse conhecimento pretende apreender. Assim, excluem-se teorias “utópicas” ou “normativas”, isto é, aquelas que constroem modelos abstratos de sociedades perfeitas. Igualmente, excluem-se teorias “positivistas”, aquelas que pretendem reduzir sua função à descrição neutra do funcionamento social.

A teoria crítica segundo Horkheimer e Adorno

O sonho de uma humanidade emancipada e “iluminada” transformou-se em uma nova barbárie. [...] a teoria crítica intenta examinar o conceito de racionalidade que está na base da moderna cultura industrial e procura investigar nesse conceito as suas falhas, ou os vícios da racionalidade instrumental (Dialética do Esclarecimento, p. 11).

A Teoria Crítica se vincula, inicialmente, à tradição iluminista que vê na razão uma base possível de emancipação: “A teoria crítica faz jus ao programa iluminista de ousar pensar por si mesmo, como condição de possibilidade de autonomia do homem” (p. 10). Contudo, essa mesma razão que se erguera como potencial libertador, também se instrumentaliza, se subordina à técnica e a um processo de dominação hostil da natureza se afastando desta forma do seu projeto originário. Por isso Adorno e Horkheimer “põem em cheque as conquistas da razão iluminista. Para eles, a razão é sobremaneira emancipatória, e ao instrumentalizar-se nega o seu

fundamento. A teoria crítica visa repensar a própria racionalidade, resgatando o significado de guiar-se pela razão” (p. 10). O esclarecimento como projeto iluminista, em que a humanidade saíra de sua menoridade e como condição de possibilidade para atingir a maioridade e autonomia, para usar uma expressão kantiana, cedeu lugar ao obscurantismo da razão instrumental.

“O que nos propuséramos era saber por que a humanidade mergulha num novo tipo de barbárie em vez de chegar a um estado autenticamente humano”. Adorno e Horkheimer

Razão instrumental

O “capitalismo administrado” bloqueia estruturalmente qualquer possibilidade de superação virtuosa da injustiça vigente e paralisa a ação transformadora. O sistema econômico desse novo capitalismo é burocrático e instaura uma racionalidade burocrática. A esse tipo de racionalidade, Adorno e Horkheimer chamam instrumental: aquela que busca os melhores meios para alcançar os fins já postos exteriormente.

O projeto de emancipação da razão, entretanto, sempre foi diferente. A razão sempre buscou colocar para si os próprios fins, orientando-se a valores – belos, justos, verdadeiros etc. Essa racionalidade voltada para os fins cada vez mais cede lugar à racionalidade instrumental, que é tanto econômica, quanto social – no processo de aprendizagem, na formação da personalidade etc. Isso implica dizer que a razão não mais serve a fundamentar ou propor a discussão sobre as finalidades a partir das quais os homens orientam suas vidas. A razão passa a ser apenas um meio para aperfeiçoar instrumentos para alcançar fins já previamente estabelecidos e sobre os quais raramente se indaga. Dessa maneira, a dominação total da racionalidade instrumental sobre o conjunto da sociedade capitalista resulta no bloqueio do comportamento crítico e da ação transformadora.

Indústria cultural

A premissa básica é que tudo se transforma em artigo de consumo – teorias, pessoas e, inclusive, a produção artística. O mecanismo é este: quando uma fórmula se populariza, a indústria a promove e repete no mesmo padrão a fim de torná-la consumível pelo maior número de pessoas possível. Produz assim uma mercadoria voltada para as massas. O que vale é o consumo rápido, transformando-se as artes em propaganda e publicidade, sinal de status social, prestígio político e controle cultural. Cada vez mais, perdem suas características:

- De expressivas, tornam-se reprodutivas e repetitivas;
- De trabalho de criação, tornam-se eventos para consumo;
- De experimentação do novo, tornam-se consagração da moda. As artes, assim, não se democratizam, massificam-se.

Separação de bens culturais pelo valor de mercado.

Cria-se, então obras raras e caras e obras comuns e baratas. Em vez de conceder acesso, a indústria favorece a distinção entre elite cultural e massa inculta.

A criação da ilusão de escolha. Na prática, mediante recortes de preço e de qualidade do material, as mercadorias são destinadas para este ou para aquele público previamente e não a depender da vontade livre de cada um.

Invenção do indivíduo médio, o público-alvo. Há o gosto médio de leitura, escuta, visão, capacidade mental etc. Para alcançar o maior número de pessoas, no maior número de lugares, é preciso ignorar particularidades individualizantes.

Definição de cultura como entretenimento, diversão e distração. O que, nas obras de arte, é pensamento, sensibilidade, imaginação, reflexão passa a não ter interesse, porque tende a não vender. Ao invés de despertar interesse, tende a banalizar as artes

Anotações